

de que dispunha, escolheu nove temas e fez com eles uma antologia do género fantástico, que se tornou em clássico da literatura japonesa. Nela estão representadas todas as variedades de fantasmas, cada uma num conto diferente. Falta apenas o tema da raposa, talvez porque o autor o julgava demasiado banal ou então porque sentia para com Inari, o deus-raposa que lhe salvou a vida, o respeitoso temor a que já fizemos referência. Nos comentários a cada conto indicaremos as fontes em que radicam. Akinari não vai buscar a essas fontes senão o tema. Tal inspiração, de resto, vem, quanto ao estilo, da literatura clássica, do *nô*, no que se refere à atmosfera religiosa e estética que, tal como no *nô*, é mais estética que religiosa. *Shiramine* mais não é do que a transposição de um *nô*. Seria fácil fazer um *nô* com *A casa nos Canaviais* ou com *Buppôsô*, que têm ambos correspondentes no repertório do *nô*, onde abundam as namoradas, cuja paixão vive amarrada à recordação do amado, e fantasmas de guerreiros que descem ao local onde morreram. Entre *a Impura Paixão de uma Serpente* e o *nô Dô jô-ji*, é o próprio texto quem se encarrega de manifestar as correlações. Também o *nô* conhece muitas mulheres ciumentas transformadas em espíritos vingadores, e não falta nele o tema da loucura motivada por uma paixão exclusiva. Quanto ao espírito do ouro (do último conto), é uma invenção de Akinari; mas o *nô* põe em cena muitos «espíritos» de várias coisas, mormente em *Yuki* (A Neve) e *Bashô* (A Bananeira).

A composição dos contos inspira-se também nos princípios do *nô*: as aparições longamente preparadas pela criação minuciosa da atmosfera ocupam afinal no conjunto do texto um espaço bastante restrito; produzem-se sempre no momento em que a emoção atinge o ponto

culminante. A forma do *nô* é escrupulosamente respeitada em *Shiramine* e em *O Capuz Azul*: o autor sublinha a influência, começando cada um dos contos por um *michiyuki* «canto de viagem», elemento inicial indispensável a todo e qualquer *nô* regularmente construído.

Até no próprio título do livro encontramos a influência do *nô*. *Ugetsu* é, para os japoneses, um termo cheio de sentido. Literalmente, significa «chuva e Lua», por Akinari associadas no prefácio: acabou de chover e a Lua encontra-se semiculta pela névoa, tempo ideal para as aparições; para que não houvesse engano, o subtítulo japonês é esclarecedor: «Contos fantásticos». *Ugetsu* é também a «lua das chuvas», a quinta lua do calendário antigo, correspondente aos fins de Junho e princípios de Agosto, meses das chuvas da monção, uma estação propícia às manifestações sobrenaturais. *Ugetsu* é também o título de um *nô* em que aparece o monge Saigyô, o mesmo de *Shiramine*, primeiro conto do livro, respondendo com argumentos poéticos a um velho que, numa noite de chuva e de luar, quer fechar as janelas, enquanto a esposa prefere suportar a chuva para poder contemplar a Lua. Na maior parte dos contos do *Ugetsu* a Lua desempenha, como se verá, um papel essencial à preparação da atmosfera. Na tradução do título da obra, para que se mantivesse todo o valor sugestivo, tendo em conta as indicações supra-referidas, houve que optar por *Contos da Chuva e da Lua*, expressão que, sendo menos rica que a japonesa, tem a vantagem de não impor uma interpretação com exclusão de outras.

O *Ugetsu*, sendo uma antologia de contos fantásticos, não deixa de ser também uma antologia de processos literários. Estes processos serão analisados nos comentários que